

Isolados, pacientes recebem visitas virtuais nos hospitais

Hospitais tentam minimizar dor e distância por meio de ligações por vídeo

■ LARA ALVES

■ Duzentos e noventa quilômetros e quatro horas de

carro separam o município de Três Pontas, no Sul de Minas Gerais, da capital do Estado, Belo Horizonte. O trajeto pela BR-381, que liga uma cidade à outra, havia se tornado rota constante na vida de Liliane Figuei-

redo, 31, de seu irmão e de sua mãe para encontrar o pai João Azevedo, 78, que está internado no Hospital Luxemburgo desde o segundo mês do ano, com sequelas causadas pela síndrome de Guillain-Barré – doença

autoimune que provoca, entre outros sintomas, fraqueza muscular progressiva.

Em março, a romaria entre os municípios foi brusca-mente interrompida após o anúncio de que as visitas estavam suspensas em fun-

ção da pandemia de coronavírus. A medida foi tomada em vários hospitais e, apesar de necessária, trouxe medo, solidão e abatimento para pacientes e seus familiares. “Quando soubemos que não permitiríamos visitas, ficamos muito preocupados em como contaríamos para ele sobre o coronavírus (quando João chegou ao hospital, ainda não havia casos da Covid-19 no Brasil) e como explicaríamos que não poderíamos mais vê-lo. O hospital permitiu que nós fizéssemos uma última visita para falar”, conta Liliane.

O desafio foi, então, se despedir temporariamente do pai. “Nós falamos que era uma gripe, uma doença que chegou da China e que era muito contagiosa. Não sabíamos se ele tinha enten-

dido porque, apesar de estar consciente, meu pai não consegue falar”, explica.

CONEXÃO. Como forma de aplacar a solidão dos internados e acreditando na importância da família para a recuperação dos pacientes, hospitais iniciaram protocolos para conectar aqueles que estão internados, por meio da tecnologia, a filhos, companheiros, irmãos e amigos.

Liliane, proibida de abraçar o pai há quase dois meses, pôde, então, reencontrá-lo. “Quando me ligaram e contaram que fariam chamadas por vídeo todos os dias, nos emocionamos muito. Eu já acordo e fico o dia inteiro esperando a ligação. Nas primeiras vezes, quando ia chegando a hora, sentia até palpitação”, detalha a filha.

“Quando o paciente está em contato com a família, mesmo a distância, isso torna tudo mais tranquilo. Na Itália, esse encontro pela internet só estava sendo feito quando o paciente chegava à fase final da vida, apenas para se despedir mesmo. Mas nós acreditamos que essa visita virtual precisa acontecer durante toda a internação porque ajuda na recuperação do paciente.”

Sarah Ananda Gomes

ESPECIALISTA EM CUIDADOS PALIATIVOS



Recordação.

Registro de João, antes de ser internado, ao lado da neta, de 2 anos e meio, mostra carinho entre eles

Emoção Idoso pôde rever a neta pelo tablet

+ A tecnologia possibilitou ainda que João Azevedo pudesse rever a neta de apenas 2 anos e meio. “Desde que ele se internou, não tinha encontrado minha filha, porque ele está no CTI. Ela perguntava por ele todos os dias. Quando eles se viram, ela falou para ele que o vovô ia melhorar, que estava com saudade. Ele se emocionou muito, foi uma coisa que deu muita força para ele, vimos pelo olhar”, disse Liliane Figueiredo.

Os poucos minutos da chamada de vídeo são suficientes para que a família troque mensagens de apoio. “O mais importante é que todo dia nós podemos falar para ele assim: ‘a gente te ama muito e está com saudade’. E ele responde pelo olhar que também está com saudade, e às vezes por gestos no pescoço, fazendo que ‘sim’. Esse contato traz muito conforto para todos nós”, conta Liliane. **(LA)**



Outros locais

📍 **Exemplo.** O Hospital Eduardo de Menezes, referência no tratamento de casos da Covid-19 em BH, também adotou as visitas virtuais em abril. Boletins médicos também são atualizados através das ligações.

📍 **Doação.** O Hospital das Clínicas da UFMG, em BH, recebeu nove tablets para os encontros entre pacientes e familiares. A doação é parte do projeto Construção de Materiais para UTIs no Enfrentamento da Covid-19, da Escola de Enfermagem da UFMG. A campanha arrecada tablets de todo o Brasil para repassá-los aos hospitais cadastrados.

Como doar

Participe. Oitenta e dois ambulatórios já se inscreveram para receber tablets. Dos 400 aparelhos solicitados, 25 foram coletados por enquanto. Interessados em doar podem procurar os responsáveis do projeto no Instagram @covid19.uti.ufmg.

Álbum de família. Abraços e encontros presenciais, por enquanto, ficam só na memória e nos arquivos fotográficos. Mas a mulher (à direita) e os filhos de João Azevedo (de camisa branca) mantêm forte a união por meio das chamadas de vídeo

Encontro online dura três minutos

Não dá para matar de vez a saudade, mas dá para declarar amor e fazer oração junto

■ LARA ALVES

■ “Quase toda noite choro de saudade. Não sei o que seria de mim sem a Jackeline”. Morador de São José da Lapa, na região Central de Minas, José Francisco da Silva Filho,

58, retrata, com essas palavras, como se passaram as últimas cinco semanas, desde a internação de sua mulher, Jackeline de Oliveira, 48. Após uma temporada no CTI da Unimed, na região Centro-Sul de Belo Horizonte, para cuidar de uma séria infecção, ela foi transferida na última terça-feira para um dos quartos do hospital, mas, mesmo assim, não está autorizada a

encontrar o marido, com quem é casada há 35 anos, nem os dois filhos, já adultos, e os netos – um menino de 5 anos, a quem ela é muito apegada, e um bebê, que nasceu dois meses antes da internação dela.

Assim como em outras unidades de saúde da capital mineira, os encontros presenciais também estão suspensos nos hospitais próprios da rede

Unimed-BH por segurança, em função da pandemia do coronavírus. Para aliviar o sofrimento de pacientes e entes queridos, eles participam de encontros online e, ao longo de três minutos, podem ver pela tela os olhos das pessoas amadas. As visitas são combinadas, e, na hora marcada, os funcionários do hospital explicam ao paciente que ele poderá reencontrar a família por



Use a imagem para acessar o vídeo no portal O Tempo



União. José Francisco (*no meio*) reúne diariamente os filhos, as noras e o neto de 5 anos para falar pelo celular com Jackeline, que está internada há cinco semanas em BH

aquele breve período.

Por volta das 12h da última segunda-feira, José Francisco já começava a preparar os filhos, as noras e os netos, que moram com ele no mesmo lote, para o encontro com Jackeline, marcado para acontecer às 15h30. Na contato, além dos beijos enviados através da câmera, ela perguntou rapidamente sobre os filhos e, antes de desligar, pediu para ver a cadelinha da casa. Devotos de Nossa Senhora Aparecida, os sete integrantes da família se uniram no quintal para rezar uma Ave-Maria e um Pai-Nosso com a mãe, que, mesmo após ter sido submetida a uma traqueostomia, conseguiu sussurrar baixinho a saudade que sente.

REENCONTRO. Aquela visita virtual foi a terceira, mas não foi menos comovente que as anteriores para José Francisco. “Eu me lembro da primeira vez, foi muito emocionante, eu ‘disgramei’ a chorar. Já tinha muito tempo que eu não a via, desde que ela foi internada ‘correndo’. Nós choramos de cá, ela também de lá, e nos demos muita força”, relatou o marido.

Ele conta que o neto, de 5 anos, também se emocionou muito. “No dia 21 de abril foi aniversário dele, e ela não estava, ele ficou supertriste... Não desejo que ninguém passe por isso que estamos passando, de ficar longe. Mas vê-la, mesmo que a distância, nos conforta”, diz.

Alento

“É sempre muito gratificante vê-la por meio desse negócio de tecnologia virtual. Eu não desejo que ninguém passe por isso que estamos passando, de ficar longe. Mas vê-la, mesmo que a distância, nos conforta e a conforta também.”

José Francisco da Silva Filho, 58
MARIDO DE JACKELINE





Recuperação. Após festa de aniversário vendo a família pela janela, paciente se curou rapidamente

Surpresa que salva vidas

Paciente teve festa a distância

+ O dia 16 de março amanheceu conturbado para a fotógrafa Sheila Agda, 39. Indisposta, ela teve que passar a noite sentada para conseguir respirar sem sufoco. Com dor na garganta e medo de ter contraído o coronavírus, Sheila procurou a UPADJK, em Contagem, na região metropolitana de Belo Horizonte. De lá, foi transferida às pressas para o Hospital Municipal de Contagem, onde recebeu – sem a presença da família, por medidas de segurança – um diagnóstico assustador: leucemia.

“Foi um susto, fiquei sem chão. Repetiram exames de sangue que detectaram uma

baixa contagem de plaquetas. Eu não esperava nunca uma notícia como essa”, conta. Confirmada a suspeita inicial, a fotógrafa precisou ser transferida para o Hospital Luxemburgo, na capital.

“Com a pandemia, não podia receber visitas. Fiquei sem ver meus filhos (de 11 e 15 anos) ao longo de todo esse tempo, o contato era só por celular”, relembra. Ela conta que os encontros online ajudaram muito na sua recuperação. “Eu já estava muito debilitada com a doença, as reações da quimioterapia. Só de ter o conforto deles, a palavra de-

les... Isso me fortaleceu muito”, comenta.

No dia 15 de abril, data em que completou 39 anos, ela achou que o aniversário passaria em branco. “Estava meio triste, achei que não ia ver ninguém. Mas, de repente, meu marido me disse para olhar pela janela, e lá estava minha família. O pessoal do hospital levou balãozinho, cantou parabéns, acendeu vela, fez uma oração”, conta. O retorno para casa aconteceu alguns dias depois, após uma melhora que surpreendeu até mesmo os médicos. **(LA)**